

ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ EM TESES E ROMANCES

Liliane Felix Valença Cintra
UFPE/ PGLETRAS
lilispector@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho visa à análise das estratégias de proteção à face em teses e romances. Foram observadas três teses de áreas distintas de conhecimento e um romance do autor português José Saramago, *A Jangada de Pedra*. A análise contemplou a modalidade oral, através da observação de duas defesas de teses, em que foi dada atenção especial ao discurso dos membros da banca, visto que de outra forma não seria possível obter informações sobre as estratégias de polidez utilizadas por este grupo. A proteção da face por parte do doutorando foi observada na modalidade escrita. A metodologia envolveu a gravação das arguições, com a devida autorização dos envolvidos, e sua transcrição. O conceito de face baseia-se no modelo seminal de Brown e Levinson (1987), que a definem como a imagem pública que os membros da sociedade desejam afirmar para si. Os resultados demonstram a utilização de recursos como: marcadores discursivos, pausas e hesitações, brincadeiras e a escolha da forma verbal, na modalidade oral. Nas teses, os recursos envolvem justificar um procedimento ou opinião antes que surja uma argumentação contrária, usar o discurso de outrem como âncora para a construção do próprio discurso, colocar termos duvidosos entre aspas e preferir a forma verbal impessoal. Todos os recursos verificados na escrita da tese podem ser utilizados na modalidade oral formal. No entanto, a oralidade favorece o aparecimento do que Goffman (2002) chama “pistas de contextualização” (pausas, gestos, olhares, tom de voz), não favorecidos pela escrita formal. A polidez negativa pode-se apresentar na forma de um discurso irônico, que visa a defender a liberdade de ação dos interlocutores, restringindo as imposições alheias permitidas pelo jogo comunicativo. Esse recurso é francamente mais expressivo nos romances do que nas teses, certamente devido ao público ao qual se destina cada um desses gêneros.

PALAVRAS-CHAVE: polidez, face, teses, romances.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the strategies of protection in the face theses and novels. There were three theories from different areas of knowledge and one novel of the Portuguese author Jose Saramago, *A Jangada de Pedra*. The analysis included the oral form, through the observation of two defenses of theses, in which special attention was given to the speech of members of the Board. The protection of the face by the doctoral candidate was found in the written form. The methodology involved the recording of complaints raised with the permission of those involved, and its transcript. The concept of face is based on the seminal model of Brown and Levinson (1987), which define how the public image that the members of society want to say to you. The results demonstrate the use of resources such as discourse markers, pauses and hesitations, games and the choice of verb form in the oral. In the thesis, the resources involved justify a procedure or opinion before the emergence of a counter argument, use the speech of others as an anchor for the building of the speech, put under dubious quotation marks and prefer the impersonal verb form. All the features observed in the writing of the thesis can be used in the oral procedure. However, the oral favors the emergence of what Goffman (2002) calls "contextualization cues" (pauses, gestures, looks, tone of voice), not favored by formal writing. The negative politeness may be presented in the form of an ironic speech, which aims to defend the freedom of action of

the partners, restricting outside interference allowed by the game communication. This feature is far more expressive in novels than in theories, certainly due to the audience it is intended each of those genres.

KEYWORDS: Politeness, face, thesis, novels.

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo, neste trabalho, envolve estudar os processos mobilizados nas atividades de interação social, considerando as estratégias de polidez ativadas pelos membros da banca, durante a defesa oral de teses; pelos doutorandos, durante a escrita das teses e pelo autor, ao escrever seus romances. Visto que um texto acadêmico, que se presta à avaliação e à aprovação de uma banca examinadora, geralmente, não apresenta grandes amostras de ironia, complementamos a análise do fenômeno com o estudo de um gênero não acadêmico, o romance. O *corpus* inclui a gravação/transcrição de duas defesas de tese em Linguística; a leitura e análise de três teses, de diferentes áreas do conhecimento – uma de Linguística, uma de Educação e uma das Ciências Econômicas¹ – e o estudo do romance *A Jangada de Pedra*, de José Saramago.

A análise da polidez baseia-se no modelo seminal de Brown e Levinson (1987), cujo conceito de face envolve a imagem pública que os membros da sociedade desejam afirmar para si, podendo apresentar-se de duas formas:

- 1) Negativa: Afirmação básica de território, preservação pessoal, direitos de não-distração etc. – ou seja, liberdade de ações e liberdade contra imposições. É o desejo de todo membro adulto competente de que suas ações não sejam impedidas por outros.
- 2) Positiva: Imagem ou personalidade positiva afirmada pelos interactantes. Inclui o desejo de que essa imagem seja aceita e apreciada pelos outros. É o desejo de todo membro da sociedade que suas vontades sejam agradáveis a pelo menos alguns outros membros.

A face está sempre presente nas conversações, podendo ser perdida, mantida ou melhorada. Geralmente os envolvidos cooperam na sua manutenção durante a interação, e isso se dá com base na vulnerabilidade mútua da face. Tal manutenção pode ser encarada como dependente de normas e valores aos quais se submetem os membros da sociedade, no entanto, seus aspectos são desejos básicos conhecidos por todos os membros de um grupo social.

¹ Os nomes dos autores das teses serão preservados neste trabalho.

Convém salientar que a face positiva é construída para ser agradável não a qualquer um, mas a “outros” específicos, principalmente aos que têm relevância nas metas do falante. Levando-se em conta a face do ouvinte (*addressee*), Brown e Levinson propõem a construção de dois tipos de polidez:

1. Polidez positiva: É orientada considerando-se a face positiva do ouvinte, a imagem positiva que ele constrói para si. Indica que, em pelo menos alguns aspectos, o falante deseja o que o ouvinte deseja. Para exemplificar, o falante pode tratar o interlocutor como membro do grupo, um amigo, alguém cujos desejos e personalidade são conhecidos e aceitos.
2. Polidez negativa: É guiada principalmente pela face negativa do ouvinte, ou seja, pelo seu desejo de preservação pessoal. O falante reconhece e respeita a face negativa do ouvinte e não interfere (ou o faz o mínimo possível) na sua liberdade de ação. Alguns exemplos desse tipo de polidez são: pedidos de desculpa por interferências e outros mecanismos atenuantes que dão ao ouvinte uma via de escape e de proteção à face.

De acordo com Leech (1983), há seis importantes máximas de polidez:

1. Máxima de tato (*tact maxim*): diminui o custo para o “outro” e aumenta o benefício para o “outro”;
2. Máxima de generosidade (*generosity maxim*): diminui o benefício ao “eu” e aumenta o custo ao “eu”;
3. Máxima de aprovação (*approvation maxim*): diminui o desgosto ao “outro” e aumenta o agrado ao “outro”;
4. Máxima de modéstia (*modesty maxim*): diminui o agrado ao “eu” e aumenta o desgosto ao “eu”;
5. Máxima de concordância (*agreement maxim*): diminui discórdia entre “eu” e “outro” e aumenta concórdia entre “eu” e “outro”;
6. Máxima de simpatia (*simpathy maxim*): diminui antipatia entre “eu” e “outro” e aumenta simpatia entre “eu” e “outro”.

Após descrever as máximas de polidez, o autor afirma que nem todas têm a mesma importância: as que focam o “outro” são mais importantes do que as que se centralizam no “eu” e as de polidez negativa têm mais peso que as de polidez positiva.

Finalmente, para Leech, a polidez não é manifestada apenas no conteúdo da conversação, mas também na maneira como a conversa é dirigida e estruturada pelos participantes, levando-se em conta aspectos paralinguísticos da polidez, como interrupções, silêncios, pedidos de permissão para falar etc.

Para Goffman (2002), é necessário não apenas estudar a língua, mas também sua relação com a sociedade, através dos usos da fala em contextos específicos. Não se pode negligenciar a situação social engendrada na comunicação face a face. Dessa forma, as

situações de fala formal, como a defesa de uma tese científica, tendem a apresentar seus próprios mecanismos de polidez que podem diferir das técnicas utilizadas para a proteção da face durante a argumentação escrita da mesma tese.

Como recurso de polidez negativa, analisamos a ironia. Antes de mais nada, é importante lembrar que o fenômeno a que se chama “ironia” hoje não é necessariamente o mesmo chamado assim pela primeira vez. O termo grego *eironeia*, registrado primeiramente na *República*, de Platão, fornece-nos uma idéia do que se conhecia como ironia na época. É apresentado através da figura do *eiron*, retratado como personagem alusivo, afeito a respostas indiretas, evasões e fingimentos. A *eironeia* era encarada como uma forma lisonjeira de tapear alguém.

A palavra foi ganhando significados adicionais no decorrer da História. Para Cícero, por exemplo, a ironia era um modo de tratar o oponente num debate. Para Quintiliano, um argumento só estaria completo se utilizasse esta estratégia linguística. Com o passar do tempo, a palavra assumiu diversos outros significados, como por exemplo, “termo que diz uma coisa, mas significa outra”, “forma de elogiar a fim de censurar e de censurar a fim de elogiar” e “modo de zombar e escarnecer”. (Mucke, 1970 p.23)

Tais conceitos trazem até os nossos tempos uma ideia negativa da ironia. Geralmente este recurso é associado a um ato de ameaça à face. Ao confeccionar uma ironia, o falante protege sua face, distanciando-se o máximo possível do papel de locutor, e ao mesmo tempo provoca um ataque à face do ouvinte. Esse distanciamento é a causa de a ironia ser classificada por Dominique Mangueneau (2002) como polifonia, considerando-se que o falante apenas empresta sua voz para que a fala de outrem seja expressa, mais ou menos como os atores gregos, que escondiam sua verdadeira identidade atrás de máscaras.

Para que a ironia seja eficaz enquanto tal, é necessário haver contraste entre uma realidade e uma aparência. Quem constrói uma ironia propõe o texto de tal forma que incentivará o leitor a abandonar o sentido mais imediato, considerado como literal, a favor de um sentido implícito de significação contrastante.

2. DISCURSO CIENTÍFICO

O discurso científico, dado seu objetivo formal e acadêmico, favorece estratégias de polidez, positiva e negativa, diferenciadas das técnicas usadas em romances. Além disso, a defesa oral de uma tese possibilita o uso de estratégias exclusivas, não encontradas nos textos escritos formais. Neste trabalho, os dados da modalidade oral dizem respeito ao discurso dos membros da banca examinadora, sendo as estratégias usadas pelo doutorando analisadas no estudo da tese escrita.

2.1. Modalidade oral

O *corpus* oral analisado foi construído através da observação de duas arguições de doutorado, com o consentimento dos envolvidos. As técnicas de proteção da face são diversificadas e amplamente utilizadas, conforme ilustra o *corpus* da pesquisa, a qual visa, não a quantificar dados, mas a oferecer uma visão geral das principais estratégias observadas nas arguições, através de sua descrição e análise. Alistamos abaixo os principais métodos de polidez observados nesse tipo de interação.

2.1.1. Marcadores discursivos:

O (a) professor (a), a quem compete sugerir mudanças e elucidar pontos de difícil compreensão, utiliza marcadores discursivos entre suas estratégias de proteção à face (tanto sua como do aluno). Pode-se observar isso no seguinte trecho transcrito:

Ex. 1:

“Embora eu sei que você tá olhando a prática *né*, mas eu acho que essa reflexão sobre alfabetização não ajuda tanto a compreender a prática como talvez ajudasse uma reflexão sobre retextualização.”

Nesse caso, o marcador *né* busca estabelecer uma concordância entre doutorando e membro da banca, amenizando a ameaça à face do doutorando, que ocorre em seguida. Novamente, o uso de marcadores discursivos pode ser percebido em outro momento da interação:

Ex. 2:

“Outra coisa que eu achei é que suas conclusões não estão de acordo com o seu resumo. Então eu acho que se você coloca como objetivo central... *assim*... acaba não aparecendo aqui, é ... entende?”

O marcador *assim* serve para amortecer o impacto da crítica, em especial por provir de uma pessoa autorizada a fazê-la.

2.1.2. Pausas e hesitações

Além do marcador, o exemplo 2, acima citado, (“Então eu acho que se você coloca como objetivo central... assim... acaba não aparecendo aqui, é ... entende?.”) permite observar o uso de pausas e hesitações que servem como uma modalização, diminuindo a agressão à face do doutorando e mantendo-o disposto a aceitar a crítica como construtiva.

2.1.3. Brincadeiras

Algumas observações protegem a face do doutorando por serem feitas em tom de brincadeira, como pode ser visto no exemplo a seguir:

Ex. 3:
“Tem várias coisinhas que você deixa implícito, escreve pro orientador (risos). Tem que escrever pensando no examinador que não é necessariamente especialista no tema.”

A utilização do termo *coisinhas*, em vez da apresentação dos itens considerados problemáticos, atenua a crítica e a pequena brincadeira que se segue (*escreve pro orientador*) ocasiona risos e uma descontração que favorece ao aluno aceitar a sugestão.

2.1.4. Forma verbal escolhida

Outras vezes a polidez encontra-se na própria forma verbal escolhida, como no exemplo abaixo:

Ex. 4:
“aqui eu acho que há um salto na reflexão, talvez *caberia* uma ponte.”

A utilização do verbo no futuro do pretérito confere ao enunciado um aspecto que tende mais à sugestão do que à crítica. O tempo futuro poderia ser substituído pelo presente (*coubesse*) sem prejuízo na proteção da face nem na compreensão do

enunciado, evidenciando que o modo verbal é o que, neste caso, funciona como técnica de polidez. Não se pode esquecer também que a presença do termo *talvez* condiciona o tempo verbal e favorece a aparência de sugestão.

2.2. Modalidade escrita

Não apenas as interações face a face apresentam estratégias de polidez. O trabalho também se volta a esta análise em textos escritos (teses). Leech (1983) e Bublitz (1988) estabelecem máximas de polidez que envolvem dois participantes da interação: o “eu” e o “outro”. Bakhtin (2004) afirma que mesmo os textos escritos são construídos como diálogos, promovendo uma interação entre “eu” e “outro”. Como fizemos ao tratar a modalidade oral, utilizamos o método de descrição e análise para evidenciar as estratégias de polidez encontradas nas teses escritas.

2.2.1. Justificativa antecipada

É comum o autor proteger sua própria face justificando suas ações e seus pontos de vista perante os leitores antes que estes possam chegar a conclusões sobre o texto. É o que se pode notar nos trechos abaixo:

Ex. 5:

“Como meu objetivo não é estudar a questão da Medicina Psicossomática ou os desdobramentos dessa abordagem, não considere necessário pesquisa mais aprofundada dos históricos.”

Ex. 6:

“Alguém pode argumentar que as barreiras entre o psicológico, o orgânico e o social são artificiais, mas o fato é que a prática tem mantido e reforçado estas barreiras.”

Ao reconhecer possíveis argumentos dos leitores, o autor defende antecipadamente seu ponto de vista, o que confere força à sua argumentação e protege sua face diante de possíveis contra-argumentos.

2.2.2. Ancorar-se no discurso de outrem

Outra maneira de proteger a face se dá pela utilização do discurso de outrem como base na qual se apóia o argumento do autor. É o que ocorre nos exemplos abaixo.

Ex. 7:

“Sendo a Pós-Graduação, *como diz o prof. Expedito*, ‘o lugar das amplitudes do que usualmente se denomina saber’, encontrei aqui o pretexto mais abalizado para meus vãos de ousadia: estar situada no lugar das amplitudes.”

Ex. 8:

“Gosto de pensar o composto léxico/gramática como um ‘espelho internalizado’ (*expressão de Rey- Debove*).”

O discurso ancorado na fala de outrem adquire autoridade e respeitabilidade, eximindo o autor das interpretações e juízos negativos que seus leitores possam construir. Confere uma licença, como se o autor se expressasse através da face de um “outro”, utilizando-a como uma máscara.

2.2.3. Aspas em termos duvidosos

Muitas vezes a proteção da face se mostra pela colocação de aspas em termos considerados inadequados, evidenciando que pertencem à fala de outrem ou ao senso comum e que o autor não concorda plenamente com seu sentido, não podendo ser condenado por seu uso. Por exemplo:

Ex. 9:

“Meu percurso talvez haja começado com um acaso – a decisão de abrir os portões da Universidade para os ‘*medrosos do vestibular*’.”

As aspas na expressão “medrosos do vestibular” mostram a posição contrária do autor a um preconceito social, protegendo sua face perante os leitores.

2.2.4. Impessoalização

Algumas teses são escritas em primeira pessoa do singular, porém, em outras há uma tentativa de preservar a face do autor através da impessoalização. É fácil perceber este fenômeno observando os seguintes fragmentos:

Ex. 10:

“No último capítulo *buscou-se* apontar as tendências e perspectivas das novas formas de gestão urbana a nível local.”

Ex. 11:

“Realizou-se uma pesquisa na área junto aos representantes de rua e procedeu-se a entrevistas com membros da equipe que gerenciou o projeto.”

A retirada deliberada da primeira pessoa, em especial a primeira do singular, omite o ponto de vista direto de quem argumenta, e não confere a impressão de particularismo. É importante salientar que, embora muitos se valham de técnicas como essa, boa parte dos autores escreve sua tese na primeira pessoa do plural e uma pequena parcela prefere escrevê-la na primeira do singular, utilizando outros recursos de proteção à face, como os analisados mais acima.

2.2.5. Demonstração da utilidade do argumento:

Ex. 12:

“Alguém pode argumentar que as barreiras entre o psicológico, o orgânico e o social são artificiais, mas o fato é que a prática tem mantido e reforçado estas barreiras. Cabe a todos nós rompê-las e é o que estamos tentando.”

Ao refutar o pensamento socialmente estabelecido, o autor marca seu território de atuação intelectual através da última frase, ao afirmar que está tentando fazer o que caberia a toda a sociedade. Dessa forma, preserva sua liberdade contra imposições e inibe possíveis contra-argumentações.

2.2.6. Apresentação de atividades que conferem peso à argumentação

Ex. 13:

“Pode parecer estranho colocar no início de uma tese um pouco da trajetória individual, quando esta não deve interessar muito para o desenvolvimento do raciocínio. No meu caso, acho necessário, uma vez que existe estreita ligação entre o vivido e o tema proposto”

Segue-se a esse comentário uma lista de atividades que conferem crédito ao pesquisador e peso aos argumentos apresentados. Entre as atividades estão: “dar aulas de Metodologia na UNAERP, em Ribeirão Preto”; “Assumir aulas de Antropologia nos cursos de saúde: Farmácia, Fisioterapia e Odontologia” e “iniciar um curso de Ciências Sociais com orientação materialista em idade adulta”. Visto que a tese aborda a linguagem, os mitos e a medicina holística, essa lista de atividades desempenhadas pelo doutorando torna seus argumentos menos suscetíveis à refutação.

3. ROMANCE

A *Jangada de Pedra* é uma crítica social que trata da unificação da Europa e da franca inadaptação, a esse fenômeno, por parte da Península Ibérica, que flutuava à deriva, por assim dizer, sem uma identificação econômica, social e cultural marcante com os demais países europeus. Através do método descritivo-analítico, observamos os seguintes dois tipos de ironias no romance: a linguística e a imagética.

3.1. Ironias linguísticas

A polidez negativa nos romances é, geralmente, explicitada na forma de comentários irônicos que criticam a situação política, econômica e social de um povo e, através desse, de toda uma parcela da humanidade. Por exemplo:

Ex. 14:

“Quando se encontram vestígios humanos antigos, são sempre de homens, o Homem de Cro-Magnon, o Homem de Neanderthal, o Homem de Steinheim, o Homem de Swanscombe, o Homem de Pequim, o Homem de Heidelberg, o Homem de Java, naquele tempo não havia mulheres, a Eva ainda não tinha sido criada, depois criada ficou.”

A fala é posta na boca de uma personagem definida pelo autor como “antropóloga de formação e feminista por irritação”. Pode-se notar a crítica irônica ao preconceito contra as mulheres. A última frase é uma ironia marcante sobre o papel da mulher na sociedade, o papel de criada. A ironia reside no trocadilho feito com a palavra “criada” ora no papel de verbo, ora no de substantivo. Ao pôr a crítica na boca de uma personagem feminina, o autor refuta contra-argumentos que poderiam destacar o fato de um homem não ter autoridade para tratar de um assunto que afeta um grupo ao qual não pertence.

Outro exemplo de ironia apresenta-se no trecho abaixo.

Ex. 15:

“É tempo de explicar que quanto aqui se diz ou venha a dizer é pura verdade e pode ser comprovado em qualquer mapa, desde que ele seja bastante minucioso para conter informações aparentemente tão insignificantes, pois a virtude dos mapas é essa, exibem a redutível disponibilidade do espaço, previnem que tudo pode acontecer nele.”

Ao contar a inacreditável rachadura nos Pireneus que leva ao deslocamento da Península Ibérica do continente europeu, o narrador apela para os mapas a fim de convencer os leitores da veracidade de sua história. Obviamente, na narrativa literária não há compromisso com a verdade, daí a ironia dessa apelação aos mapas. Além disso,

o comentário acerca dos detalhes insignificantes que podem não constar nos mapas exime o narrador de responsabilidades maiores, o que proporciona mais uma vez o efeito irônico de um texto fantástico que tenta apegar-se, paradoxalmente, à realidade. O narrador utiliza-se da polidez negativa para defender o território literário das intervenções de leitores e críticos que não suportem seus elementos fantasiosos, o que acaba gerando um efeito cômico.

3.2. Ironia imagética

Alguns romances, como *A Jangada de Pedra*, proporcionam ao leitor o que chamaremos aqui de ironia imagética. Trata-se da construção de uma imagem, com palavras não irônicas, mas que geram, no interior da própria imagem, um quadro crítico, de ironia marcante. Durante o romance citado, várias páginas descrevem o rompimento da cadeia rochosa que liga a Espanha à França, os montes Pireneus, e o consequente deslocamento da Península Ibérica rumo ao oceano, deixando de fazer parte da Europa. A península (agora ínsula) flutua no oceano enquanto líderes políticos discutem o futuro da Europa e tecem comentários acerca da importância de Portugal e Espanha para o continente.

Enquanto a ironia linguística funciona apenas enquanto podem ser lembradas as palavras que a controem, sendo em alguns casos necessário recordar toda uma frase ou um ditado popular para que o sentido seja alcançado, na ironia imagética a linguagem serve para construir uma imagem que, após finalizada, dispensa as palavras que a formaram e constitui, por si só, uma ironia brilhante e uma crítica desenhada na mente dos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que as estratégias de polidez utilizadas na interação face a face, como no caso da banca de doutorado, mostraram marcas de uma oralidade, mesmo que formal, que não costumam aparecer em textos formais escritos, como hesitações, brincadeiras e alguns marcadores discursivos. Por outro lado, a análise das teses revelou a possibilidade de impessoalização de certos verbos para proteger a face do autor (recurso aparentemente mais ligado a situações da escrita formal) ao mesmo tempo em

que demonstrou o caráter dialógico dos textos escritos, evidenciado nas justificativas antecipadas de pontos de vista e no uso do discurso de outrem como base para tecer o texto.

Por tratar-se de um gênero voltado para o domínio científico, as teses apresentam muitas técnicas de polidez positiva, mas demonstram poucos artifícios de polidez negativa. A polidez negativa visa à preservação pessoal, à afirmação de território, o que parece não ser desejável durante a apresentação de uma pesquisa a ser julgada por banca mais experiente que o doutorando. Poucos ousam firmar-se contra as imposições intelectuais da banca.

A polidez negativa pode-se apresentar na forma de um discurso irônico, que visa a defender a liberdade de ação dos interlocutores, restringindo as imposições alheias permitidas pelo jogo comunicativo. Esse recurso mostra-se menos expressivo nas teses, certamente devido ao público ao qual se destina esse gênero. A análise do romance permitiu uma observação mais completa do fenômeno irônico, em especial da ironia imagética, recurso que se utiliza de palavras apenas enquanto construtoras de uma imagem, no interior da qual residirá o sentido irônico.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness some Universals in Language in Use*. 2 ed. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1987.

BUBLITZ, Wolfram. *Supportive fellow-speakers and cooperative conversations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

LOCHER, M A. & WATTS, R. *Politeness Theory and Relational Work*. *Journal of Politeness Research* 1: 9-34. Ano 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MUCKE, D. C. *A ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SARAMAGO, José. *A Jangada de Pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.